

O IMPACTO DO ROMANCEIRO DO ALGARVE
NO CONTEXTO PORTUGUÊS E PENINSULAR

Helder Raimundo*

Tendo como base o Projecto de Recolha de Literatura Oral Tradicional no Algarve, em particular o registo de espécimes do Romanceiro Tradicional, salienta-se a presença na nossa região, de antigas e valiosas versões, ditas e cantadas apresentando-se alguns exemplos/tipo.

Enquadra-se o Romanceiro Tradicional recolhido no Algarve, no contexto do Romanceiro em Portugal e na Península Ibérica.

INTRODUÇÃO

Em 1933 o grande mestre da Etnografia Portuguesa, Leite de Vasconcelos alertava: "Acudemos a tudo enquanto é tempo! De ano para ano extinguem-se ou transformam-se muitas cousas e surgem outras de novo em vez delas...". Este apelo, a propósito da necessidade urgente de recolher e fixar por escrito grande parte da memória do nosso povo, é facilmente compreensível e até mesmo pungente nos dias de hoje. Para o desaparecimento de componentes indispensáveis da cultura e identidade do nosso país, os quais se perderam irremediavelmente, contribuiu um conjunto de factores que nunca é demais salientar:

- a industrialização e o progresso tecnológico crescente, que afogaram as práticas manuais e comunitárias ancestrais.
- a divulgação e massificação dos instrumentos de "mass-media", que tomaram inapelavelmente o lugar dos serões familiares e sociais onde se recitavam os textos orais e absorveram o sistema de práticas significantes como o canto e a dança.
- a sobreposição do valor da escrita à oralidade, suscitado por exemplo pela introdução da escolaridade obrigatória que desvalorizou o impacto da transmissão oral tradicional, em troca do texto erudito.
- finalmente, também a emigração, a migração do interior para o litoral e a miscigenação cultural e linguística aí realizada, não permitiu a transferência geracional da tradição e produziu o esquecimento puro e simples, ou a deturpação de muitos traços e referentes culturais.

PROJECTO DE RECOLHA DE LITERATURA ORAL TRADICIONAL

É neste quadro genérico, no Algarve ainda agravado pelos motivos sobejamente conhecidos de todos e que não vale a pena aqui retomar, que surge em 1982/83

*Investigador de temas de Antropologia e Etnografia

o Projecto de Recolha de Literatura Oral Tradicional no Algarve, o qual assume de imediato um carácter de urgência; o que não é sinónimo de precipitação ou ligeireza, mas remete para segundo plano a importância da inserção social/local e aposta fundamentalmente na rapidez da recolha, tendo como objectivo o registo do maior número de testemunhos orais, no menor espaço de tempo possível. Tudo isto porque a actual e a nosso ver última geração transmissora, se situa no limiar da vida. Naturalmente, por esta ordem de ideias, deixamos para mais tarde, as tarefas de transcrição e fixação por escrito.

Cabe aqui referir a propósito, as palavras de Eliane Fernandes e Magdalena Almeida: "A evolução humana destina a modificações drásticas as diversas sociedades, que se não tratarem de preservar a sua memória-voluntária ou involuntariamente-fadam ao esquecimento as inúmeras etapas da sua existência." (artigo na Revista Vértice, nº 10).

O PAPEL DO ROMANCEIRO TRADICIONAL

Releva neste Projecto, o papel que cabe ao Romanceiro Tradicional, na preservação e compreensão desta memória e identidade.

Tratam-se de textos poéticos de temática épico-lírica, versados em 7 ou 15 sílabas. Normalmente suportados por melodias arcaicas, de proveniência dos cantares de gesta medievais, que permitem a sua constante memorização, mas aparecendo também muitas vezes só recitados.

Para sua origem, foram ao longo dos séculos XIX e XX, apontadas diversas hipóteses: Milá Y Fontanals tinha defendido a teoria da derivação dos romances primitivos dos cantares de gesta castelhanos, enquanto a estudiosa Carolina Michaëlis de Vasconcelos acentua: "a precedência e supremacia lírica dos galego-portugueses e a épica dos castelhanos. Caracterizando o romanceiro de cá (Portugal) como uma ramificação do tronco plantado em Castela..." ("Romances Velhos em Portugal" pg. 21). Mais recentemente, o especialista Pere Ferre afirma na Introdução ao Romanceiro Geral Português de Teófilo Braga que: "derivam os romances das primitivas gestas medievais, surgindo este novo género, segundo as hipóteses mais recentes, no séc. XIV como resultado de uma dinâmica histórica em que os velhos poemas épicos teriam perdido a sua funcionalidade." (I Vol. pg. XVIII).

A florescência e o apogeu desta poesia decorre entre os séculos XII e XIII, tendo a partir do séc XIV começado a sofrer refundições e transformações a partir do momento em que se inicia a sua vulgarização "quando cantores populares, muitas vezes cegos, os recitavam aos pedaços em troca de um copo de vinho". (Carolina M. de Vasconcelos, Op. Cit. pg. 23).

A partir do séc: XV considera-se já como sendo uma poesia anacrónica.

Para termos uma ideia da variegada riqueza do Romance de Tradição Oral Moderna, deduzida a partir de milhares de lições e respectivas versões registadas, adoptamos aqui como exemplo (entre outras), a classificação de Carolina M. de Vasconcelos na sua obra já citada:

- A. Romances relativos à história e à tradição histórica de Espanha.
- B. Outros Romances históricos.
- C. Romances Fronteirigos e Mouriscos.
- D. Romances de Cativos e Forçados.
- E. Romances do Ciclo Carolíngio.
- F. Romances do Ciclo Bretónico e de Livros de Cavalarias.
- G. Romances de assunto Clássico ou Bíblico.
- H. Romances Novelescos.
- I. Romances Líricos.
- J. Romances em Versos Pareados.
- K. Romances ainda não identificados.

METODOLOGIA DA RECOLHA ROMANCÍSTICA

Conscientes da sua importância, dedicamo-nos há cerca de 10 anos à recolha, registo magnético e transcrição para escrito, do Romanceiro de Tradição Oral Moderna, ainda patente no Algarve, muitas vezes escondido sob o nome de conto, lenda ou laquitana.

De acordo com o mestre espanhol Menendez Pidal, sabemos que todas as regiões possuem alguma peculiaridade, que as torna um inestimável campo de investigação. E que as áreas periféricas são mais conservadoras que as centrais. (em Nota Introdutória ao 1º volume do Romanceiro Português de Leite de Vasconcelos, de 1958). É nesse sentido que se costumam considerar os Açores, a Madeira e Trás-os-Montes como as áreas que mantêm maior tradição romancística, a avaliar mesmo pelo valor das lições recolhidas nos Açores por Teófilo Braga e pelo recentemente publicado "Romanceiro da Madeira".

Apesar disto, quanto a nós, cabe também ao Algarve importante papel como fonte do Romanceiro, denunciado pelos sucessivos estudos dedicados por especialistas a esta região, nos fins do século passado e princípios deste e mais recentemente pelas importantes versões que temos vindo a coligir nos concelhos de Loulé, Aljezur, Tavira e Silves.

INVENTÁRIO CRONOLÓGICO DAS RECOLHAS NO ALGARVE

Por influência do "boom" romântico do séc. XIX, que realçou o seu interesse pela poesia popular e produziu o 1º Romanceiro em Portugal, pela pena de Almeida Garrett, publicou Estácio da Veiga em 1870 o seu Romanceiro do Algarve, contendo 26 Romances e 9 "ditas" lendas.

Sequem-se-lhe por ordem cronológica:

- 1882 - "Romances Populares do Algarve" publicados na "Enciclopédia Republicana" e recolhidos em vários locais do Algarve, por Reis Dâmaso.
- 1900/1902 - Subsídios para o Romanceiro Português - Tradições Populares do Algarve in Revista Lusitana, vol. VI. assinados por José Joaquim Nunes, contendo 17 versões com notas a rigor.
- 1905 - Romanceiro e Cancioneiro do Algarve - Edição de Loulé, de Ataíde Oliveira, contendo 30 Romances e incorporando ainda, segundo ele, as versões de J. J. Nunes e Reis Dâmaso e alguns publicados por Estácio da Veiga.

De referir também os Romances recolhidos no Algarve ou indicados como tal, publicados nos Romanceiros de Garrett, Teófilo Braga e Leite de Vasconcelos em 1843, 1867 e 1958 respectivamente. E ainda as recolhas pontuais de alguns especialistas, na 2ª metade deste século.

Convém no entanto esclarecer que os nossos 2 maiores colectores do Romanceiro Tradicional no Algarve, Estácio da Veiga e Ataíde Oliveira, usaram desmesuradamente a metodologia da versão factícia, retocando versos e produzindo arquétipos sem o referir, a partir de várias versões recolhidas do mesmo Romance. Metodologia já criticada por especialistas como Carolina M. de Vasconcelos e Pere Ferre. Uma tendência na esteira da prática romântica do embelezamento poético, consagrado por Garrett e ainda prosseguido por Teófilo Braga.

Os próprios o confessam! Estácio afirma no seu Romanceiro, a propósito do romance Dom Julião: "... consegui várias lições que simultaneamente coteja das puderam produzir esta, que na essência não difere de nenhuma e de todas mais ou menos se aproxima" (p. 1). Ataíde por seu turno refere: "Devo ainda dizer que cada romance de que se compõe o meu livro é a resultante de muitas lições que ouvi." (Preâmbulo do Romanceiro e Cancioneiro do Algarve pg. XIV).

O recurso à transcrição directa dos registos magnéticos dos informantes, que utilizamos, permitem a conservação dos traços dialectais próprios do local e das contracções específicas dos informantes, tratando assim o mais genuinamente possível o testemunho transmitido oralmente.

O CASO DA NAU CATRINETA

Apresentamos de seguida 1 exemplo tipo, duma lição recolhida por nós a uma senhora de 93 anos na aldeia da Mealha, freguesia de Cachopo, concelho de Tavira, em Dezembro de 1984. Trata-se do romance novelesco conhecido como Nau Catrineta e a versão aqui apresentada mostra sucessivos lapsos de memória da idosa informante (assinalados no texto com (...)) e algumas passagens discursivas que revelam alguns extractos já esquecidos.

Vejamos a Nau Catrineta!

- Triste vida de marujo - que tem muito que contare
 Sete anos e um dia - sobre nas águas do mare;
 Já na tinham que comere - e nem tampouco que manjare
 Deitaram sortes à vida, - quais haviam de matare.
- 5 Caí a sorte (...) - no tenente generale.
 - Na me mates marinheiro - qu'alvissas te venha dare.
 Sobe acima aquele mastro - aquele mastro reale,
 Avistarás terras em Espanha - e areas em Portugale.
 - Na veja terras em Espanha - e nem areas em Portugale
- 10 Só vejo três espadas nuas - gritando pra te matare
 (tinham que matarem um pra comerem...)
 - Não me mates marinheiro - qu'alvissas te venha dare.
 Sobe acima além o mastro, - àquele mastre reale,
 E avistarás terras em Espanha, - e areas em Portugale.
 Três vezes le disse, disse que na via:
 - ... terras em Espanha - e nem areas em Portugale,
- 15 Só via três espadas nuas, - gritando par'o matare.
 - Na me mates marinheiro - qu'alvísseas te venha dare;
 Sobe acima além o mastre, - àquele mastre reale,
 Qu'avistarás as terras em Espanha, - e areias em Portugale.
 Disse:
 - E já veja terras em Espanha - e areas em Portugale,
- 20 E também veja três meninas - debaixo dum laranjale.
 Ele respondê-le:
 - E todas três são minhas filhas - e todas três t'as hê-de dare.
 E não quero a suas filhas - porque custaram muito a criare
- 23 Quere é Dona Caterneta, - para poder navegar.

CONCLUSÃO

Quisemos com a Nau Catrineta, provar a existência na tradição romancística oral, de lições valiosas da nossa literatura. Deixamos para breve oportunidade a apresentação e análise de alguns exemplares de versões inéditas de Romances, que evidenciam ainda a sua pujança na cultura popular e desafiam um grandioso esforço para a edição de um verdadeiro Romanceiro do Algarve, passados que são 85 anos sobre a última publicação. Pensamos que será um passo importante para o inventário definitivo do Romanceiro Peninsular, para o qual contribuíram já especialistas de renome, entre os quais o nosso mestre Leite de Vasconcelos.